

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA- UFRPE

An Analysis of The Quota Student Profile and his Permanence in Engineering Courses at the UACSA - UFRPE

Francy Laura Correia Gomes dos Passos
Maria Fernanda dos Santos Alencar
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Recife/PE-Brasil
Eduardo Jorge Lopes da Silva
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
João Pessoa/PB-Brasil

Resumo

Com a Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, 50% das vagas das IFEs passaram a ser ocupadas por estudantes que cursaram os três últimos anos da educação básica em escolas públicas. Nesse contexto, este trabalho apresenta o perfil e as condições de permanência de estudantes cotistas do curso de Engenharia numa perspectiva material e simbólica (SANTOS, 2009), visando perceber questões econômicas e interferências subjetivas que influenciam na permanência dos mesmos na Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UFRPE). A coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário, tratado pelo software IBM SPSS e analisados à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN,1977). Os resultados apontam o perfil de estudantes cotistas que lutam por continuar na universidade, indicando a necessidade de políticas públicas complementares que possibilitem a permanência dos estudantes cotistas nas universidades.

Palavras-chave:

Aluno cotista; Permanência; Ensino Superior.

Abstract

With of Law 12.711/2012, known as the Quota Law, 50% of the IFEs' vacancies started to be occupied by students who attended the last three years of basic education in public schools. In this context, this work presents the profile and conditions of permanence of quota students from the Engineering course in a material and symbolic perspective (SANTOS, 2009), aiming to perceive economic issues and subjective interferences that influence the permanence of these in the Academic Unit of Cabo de Santo Agostinho (UFRPE). Data collection was carried out by applying a questionnaire were processed by the IBM SPSS software and analyzed in the light of Content Analysis (BARDIN, 1977). The results point to the profile of a quota student that struggles to stay in the university, indicating the need for complementary public policies that enable the participation of these students in universities.

Keywords: Quota Student; Permanence; University education.

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo a permanência de estudantes na educação superior por meio da Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas. Resulta de uma pesquisa dissertativa que trata sobre as condições de permanência dos estudantes de cursos de engenharia que ingressaram, por intermédio da Lei de Cotas, na Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA), vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Para compreender o universo da permanência, partiremos das concepções teóricas de Santos (2009), que entende a permanência na universidade sob duas dimensões: a material e a simbólica. A permanência material se refere às condições reais de frequentar o curso, no sentido de possuir recursos financeiros para custear alimentação, transporte, materiais didáticos. Em relação à dimensão simbólica, se refere à presença do aluno cotista, grupo historicamente excluído, em um espaço antes ocupado, majoritariamente, por um outro grupo social.

Na perspectiva da permanência simbólica de modo a dialogar com as concepções de Santos (2009), utilizaremos as reflexões de Alain Coulon (2008) que analisa a permanência a partir do conceito de afiliação. Para esse autor, a afiliação é a capacidade do ingressante na educação superior de assimilar os novos códigos, regras e *habitus*ⁱ existentes na universidade; é a integração ao novo ambiente.

Para este artigo, de forma específica, socializamos os resultados da aplicação do questionário a 143 estudantes cotistas que ingressaram nos anos de 2016, 2017 e 2018 na UACSA. Os dados obtidos foram tratados pelo software IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e, em seguida, analisados à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). A aplicação do questionário objetivou construir o perfil socioeconômico e acadêmico do estudante cotista.

As perguntas que guiaram a construção do questionário e a sua análise foram: Quem são os estudantes cotistas? Como sobrevivem e se mantêm durante os seus processos de formação? Quais as dificuldades para continuar na universidade? Assim, procuramos apontar os aspectos das situações e condições de permanência dos estudantes cotistas, a partir da construção do perfil desses sujeitos que envolve dimensões socioeconômicas, como sexo, raça/cor, renda, escolaridade dos pais e trajetória acadêmica.

As Ações Afirmativas, a Lei de Cotas e o Contexto da Permanência do Estudante Cotista na Universidade

O processo histórico da humanidade foi marcado por problemas derivados das condições de desigualdade, seja ela de origem econômica, social, cultural, religiosa, seja de gênero. A desigualdade expõe grupos à vulnerabilidade e precariza suas condições. Alguns tipos de desigualdade são mais evidentes e expõem situações de violência, desemprego, precariedade dos serviços de saúde e educação. Nas sociedades desiguais, a justiça social tem a importante função de promover condições mais igualitárias (SCALON, 2015).

Segundo Scalon (2015), o conceito de igualdade e de desigualdade foi construído socialmente ao longo da história. Existem padrões aceitos que não são necessariamente iguais, pois levam em consideração as especificidades de cada sociedade. Nessa perspectiva, cabe a implementação de políticas públicas que possam atenuar a desigualdade possibilitando a inclusão. Neste sentido, tornam-se necessárias ações afirmativas que tenham como objetivo mitigar a desigualdade social. A ideia é ter uma sociedade em que seus membros tenham acesso aos recursos de forma mais igualitária porque, ao realizar uma distribuição mais justa, acredita-se que as discriminações provenientes de raça, cor, religião e sexo sejam reduzidas.

A partir de Paiva (2015) compreende-se que as ações afirmativas são políticas que visam agir pontualmente em determinado problema e são aplicadas na educação e no trabalho prioritariamente por serem áreas que têm o poder de transformar uma situação de desigualdade ou discriminação, de forma mais efetiva. No Brasil, o debate ainda é muito focado em ações afirmativas na educação e, de forma específica, na educação superior devido à implementação da Lei 12.711/2012 que estabelece a reserva de vagas para negros, pardos, indígenas, pessoas com deficiência e baixa renda.

Para Piovesan (2008), as ações afirmativas devem ser percebidas não apenas pelo viés da reparação por um passado discriminatório, mas de forma a vislumbrar uma nova realidade social. Nesse sentido, a implementação de políticas afirmativas na educação superior viabiliza a entrada de grupos historicamente excluídos por não possuírem condições de competir, em virtude da situação socioeconômica e da forma como a seleção para o ingresso na universidade era tradicionalmente realizada.

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA-UFRPE

Com o advento da Lei 12.711/2012 que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, alterada pela Lei 13.409/2016, que dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nessas mesmas instituições, o cenário inclusivo começou a se moldar. A primeira norma, popularmente conhecida como Lei de Cotas, representou um avanço significativo na inclusão e democratização do ensino com a reserva de 50 % das vagas das universidades públicas para o aluno egresso da rede pública de ensino.

A lei mencionada estabelece que metade das vagas deverá ser preenchida por estudantes com renda familiar mensal, por pessoa, igual ou menor a 1,5 salário-mínimo; a outra metade, com renda maior do que 1,5 salário mínimo. Há ainda, dentro de cada categoria de renda, vagas reservadas para pretos, pardos, índios e pessoas com deficiência. Esses últimos foram incluídos pela Lei 13.409/2016. O pré-requisito para todas as formas de cotas é que o aluno seja egresso das escolas públicas.

A Lei de Cotas estabelece que as vagas serão preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência e sua distribuição deverá ocorrer de forma proporcional, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) da unidade da federação onde está situada a instituição.

A Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA) é conhecida como o Campus das Engenharias da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) por se estruturar em torno de cinco cursos de engenharia, ofertados no período diurno e vespertino, que são: Mecânica, Materiais, Elétrica, Eletrônica e Civil. Para cada curso, são ofertadas, anualmente, 120 vagas no Sistema de Seleção Unificada (SISU): 60, no primeiro semestre; e 60, no segundo. Desse quantitativo, 50% são reservados ao cumprimento da Lei 12.711/2012. Assim, ficam reservados nos cursos de graduação da Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA) 62,40% a pretos, pardos e indígenas e para pessoas com deficiência 9,86% das vagas disponíveis (UFRPE.TERMO DE ADESÃO, 1ª ed., 2020).

Visando contribuir com a permanência dos estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, a UFRPE conta com políticas de ações afirmativas, através de programas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão que oferecem bolsas. Apesar dos esforços para tornar o acesso à universidade mais plural, Nunes (2016) ressalta que não

é suficiente promover apenas o acesso, é necessário, também, investir em políticas de permanência.

Para refletir sobre os contextos em que ocorrem os processos de permanência dos estudantes cotistas nas universidades, acolhemos, principalmente, os estudos de Santos (2009), que entende a permanência sob duas dimensões: a material e a simbólica. Essa reflexão está presente em sua tese de doutoramento intitulada “Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa”. De modo a complementar os aspectos que envolvem a permanência em sua dimensão simbólica, serão utilizadas também as considerações de Alain Coulon (2008), principalmente os escritos de sua obra “A condição de estudante: a entrada na vida universitária”.

Nas famílias de maior poder aquisitivo, ingressar na universidade é só mais uma etapa na vida, pois, geralmente, todos os familiares já passaram ou estão passando por essa fase. Nesse meio, o ensino superior é algo certo ou, pelo menos, provável. Nas famílias das classes populares, a situação é bem diferente, ingressar na universidade é um grande feito na vida, pois a universidade é uma realidade distante (SANTOS, 2009).

Segundo Santos (2009), quando os alunos cotistas recebem a notícia sobre a aprovação na universidade, já iniciam a preocupação sobre as despesas durante a trajetória acadêmica. Essa preocupação, por vezes, se estende a toda a família que busca estratégias para viabilizar a manutenção do jovem, pois conseguir alcançar a conclusão do curso é uma vitória importante. Diante desse contexto, a permanência tem maior significado por envolver questões individuais, grupais, sociais e econômicas.

A permanência material envolve elementos facilmente perceptíveis como transporte, alimentação, moradia, aquisição de livros. Na permanência simbólica, seus elementos são mais sutis e perpassam campos mais subjetivos. As questões ligadas ao simbólico estão relacionadas à trajetória escolar, vivência familiar, bagagem cultural, sociabilidades entre outros aspectos individuais (ALMEIDA, 2007). Neste contexto, Santos (2009) defende que a permanência dos estudantes deve ir além dos aspectos materiais; deve ser entendida também por meio do simbólico, pois os estudantes das classes populares que entram na universidade, em geral, são os primeiros de sua família e sentem certo estranhamento por ser um ambiente totalmente desconhecido.

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA-UFRPE

Para Mayorga e Souza (2012) esse estranhamento é reforçado porque as suas culturas são desvalorizadas. Para Nogueira e Nogueira (2017), a ausência de um capital cultural similar ao da universidade se torna mais um entrave na vida do estudante cotista.

Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se portar; que se mostrem sensíveis às obras de cultura legítima, que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da “boa educação” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 53).

Santos (2009), partindo dos estudos de Nobert Elias (2000) no acolhimento à compreensão de *outsiders*, analisa os jovens cotistas como os “outros”, os *outsiders* na universidade, pelo fato de não possuírem uma identidade sociocultural semelhante à valorizada pela boa sociedade que já se encontra estabelecida de forma tradicional no ambiente universitário.

Neste ambiente, a luta para permanecer não é igualitária, ou seja, por sua história familiar alguns indivíduos já estão estabelecidos como dominantes e buscarão adotar, de forma consciente ou involuntária, meios de preservação de sua estrutura social. O cotista *outsider*, que ocupa uma posição inferiorizada, também terá suas estratégias individuais que consistem, primeiramente, na aceitação da estrutura hierárquica presente no campo e, conseqüentemente, no reconhecimento da sua suposta inferioridade; a segunda estratégia refere-se às tentativas de contestação das estruturas estabelecidas (SANTOS, 2009).

Dentro da perspectiva de ser o outro, de ser um *outsider*, consideramos o que Coulon (2008) trata por afiliação, pois, nesse contexto, o *outsider* pode ser entendido também como o estudante que não conseguiu se afiliar. A afiliação consiste na capacidade de adaptação ao mundo universitário, à compreensão de seus códigos, signos e regras, tanto sociais como institucionais.

Para Coulon (2008), a tarefa inicial de um estudante é aprender o ofício de estudante, que consiste em se tornar um deles para não ser eliminado ou autoeliminar-se. Nessa perspectiva, o discente cotista, para se tornar um afiliado, precisa passar pelo processo de assimilação dos novos códigos e regras institucionais, sociais e simbólicos.

É nesse sentido que Coulon (2008) traz o conceito de afiliação, que pode ser entendido como um estágio de competência que o discente alcança ao assimilar os códigos, regras e *habitus* da universidade, adquirindo, assim, o novo status social de estudante universitário. Nessa perspectiva, utilizamos a afiliação como mais um elemento que envolve

a permanência simbólica pelo fato de os significados, que envolvem a afiliação, não poderem ser classificados como pertencentes à permanência material.

Coulon (2017) explica que a transição do ensino médio para a universidade é um momento delicado, há muitas mudanças, as regras e saberes anteriormente apreendidos no ensino médio passam por profundas transformações e se tornam mais complexos, sofisticados e simbólicos. Esse autor, diante dessa realidade, propõe analisar a passagem pela vida universitária sob a ótica de três tempos: o estranhamento, a aprendizagem e o tempo da afiliação. Entende que o tempo do estranhamento é o momento no qual o estudante adentra no mundo desconhecido, repleto de novas informações, ao mesmo tempo em que há uma ruptura com o mundo em que ele já estava familiarizado e confortável.

Em seguida, vem o tempo da aprendizagem que ocorre de forma progressiva. Esse é o tempo em que o estudante está mais ansioso, inseguro, cheio de dúvidas e angústias, pois suas referências do passado foram desconstruídas e as do futuro ainda não são mensuráveis. Esse é o momento de esquecer o passado e se abrir aos conhecimentos mais complexos da vida universitária. Por fim, ocorre a afiliação. Nesse, o estudante já pode ser chamado de veterano, pois o mundo universitário já não lhe causa estranheza. Inicia-se o processo de familiaridade, aceitação, incorporação dos códigos, regras e *habitus*. O estudante adentrou o universo social e mental da universidade (COULON, 2008).

Além das rupturas apresentadas, Coulon (2008) lista outras que ocorrem simultâneas na vida do estudante e que podem interferir em sua permanência, ou não, na universidade. Essas rupturas podem ser vistas sob o viés do campo simbólico, pois são situações que superam o plano material, mas que também interferem de igual modo, ou até mesmo de forma mais profunda do que as questões econômicas, gerando ansiedade e interferindo negativamente nas condições de existência e comportamento dos estudantes. Em muitos casos, a entrada na universidade significa também a entrada na vida adulta, pois muitos estudantes afastam-se do seio familiar para levar uma vida com mais autonomia. Em alguns casos, precisam se mudar de cidade para residir próximo à instituição e passam a realizar visitas aos familiares nos finais de semana.

Para esse autor, as vias para a universidade são alinhadas a transformações importantes que ocorrem com o tempo, o espaço e as regras do saber. Em relação ao

tempo, os estudantes observam que a duração das aulas foi modificada, a carga horária semanal de aulas aumentou e o ritmo de trabalho é outro, maior e mais intenso, exigindo um maior desdobramento para atender às novas demandas. A relação com o espaço também mudou, as universidades são significativamente maiores que as escolas, ao nível de, nos primeiros dias, ser difícil encontrar a sala de aula ou setores de atendimento. No entanto, a transformação mais profunda ocorre na relação com as regras do saber, seja pela ampla dimensão do campo intelectual, seja pela busca do poder de síntese ou, ainda, pelo fato do ensino superior ser o elo entre os saberes e a futura profissão que o estudante irá exercer (COULON, 2008).

Para o autor, superado o tempo do estranhamento, a fase da aprendizagem é igualmente dura e marcada pela forte presença de problemas psicológicos marcados por dois fatores. Um deles diz respeito ao fato de muitos estudantes serem resistentes às obrigações do ensino superior por se sentirem impedidos de usufruir da liberdade idealizada para universidade. Desse modo, sujeitam-se a uma autoridade que era contestada no ensino médio. Outro fator é a quebra dos grupos de amigos. Não há mais espaço e confiança para conversas íntimas; é difícil montar um grupo e seguir ao longo de anos sem dispersão. Por fim, muitos alunos ainda carregam medos vividos no período escolar, relacionados a sanções disciplinares e tentam seguir, à risca, as exigências dos professores. Para Coulon (2008, p. 170-171), “os estudantes estão tensos, traumatizados por suas vivências passadas que ameaçam recomeçar a qualquer momento”.

São múltiplos os problemas presentes na permanência, bem como as estratégias para permanecer e superar, ou suportar, as dificuldades. Santos (2009) argumenta que há estratégias de permanência que vão desde a pacificação até o enfrentamento. Os cotistas tentam parecer o menos cotista, ou se integram em grupos e criam estratégias de enfrentamento para reivindicar a possibilidade de fazer parte de forma completa da experiência universitária.

Metodologia

Para compreender o fenômeno da permanência dos estudantes cotistas dos cinco de engenharias, foi escolhido a Unidade Acadêmica do Cabo do Santo Agostinho, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UACSA-UFRPE). O universo da pesquisa

abrange os estudantes cotistas que ingressaram nos anos de 2016 a 2018. A relação nominal dos discentes foi obtida por meio do Serviço de Informação ao Cidadão.

As perguntas do questionário foram elaboradas a partir do relatório do documento “V Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras”, publicado pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2018) que sofreram modificações para melhor se adequarem à realidade da UACSA. Dos 766 estudantes presentes no processo, 452 permaneciam com a matrícula ativa no Sig@ⁱⁱ (Sistema de Informações e Gestão Acadêmica). Esse total de 452 constituiu a população da pesquisa.

No caso deste estudo, a população é o conjunto de alunos cotistas ingressantes de 2016 a 2018 que possuem variáveis socioeconômicas e acadêmicas. Diante desse critério, foram aplicados 143 questionários com uso do Google Formulários enviados aos e-mails dos estudantes; mas apenas 32 retornaram o formulário. Em virtude da baixa adesão, foi necessário imprimir os questionários e realizar abordagens presenciais em praticamente todos os espaços da UACSA: entrada do prédio, corredores, diretórios acadêmicos, cantina, laboratórios, biblioteca, elevadores e setores administrativos.

Os dados coletados foram processados com ajuda do software IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e postos em tabelas e gráficos. Após esse processo, iniciou-se o trabalho de análise e interpretação dos resultados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

No item seguinte, passaremos a apresentar as análises dos dados obtidos referentes as condições de permanência de estudantes cotistas dos cursos de engenharias ofertados pela UACSA.

Condições de Permanência no Ensino Superior de Estudantes Cotistas da UACSA-UFRPE

O perfil dos estudantes é analisado tendo como foco a permanência no ensino superior. Para isso foram consideradas duas categorias. A primeira dar-se o nome de socioeconômica. Ela apresenta as subcategorias sexo, raça, renda familiar mensal e escolaridade dos pais dos respondentes. Este primeiro bloco nos apresenta o perfil, ou seja, quem são os estudantes cotistas das engenharias e a situação socioeconômica deles. A Segunda categoria denominamos de Perfil e Trajetória acadêmica. O objetivo é conhecer o perfil, as ações da UACSA para favorecer a permanência dos estudantes nos seus processos

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA-UFRPE

de formação e as dificuldades sentidas por eles que prejudicam de alguma forma a permanência na instituição, no curso ou em sua trajetória acadêmica.

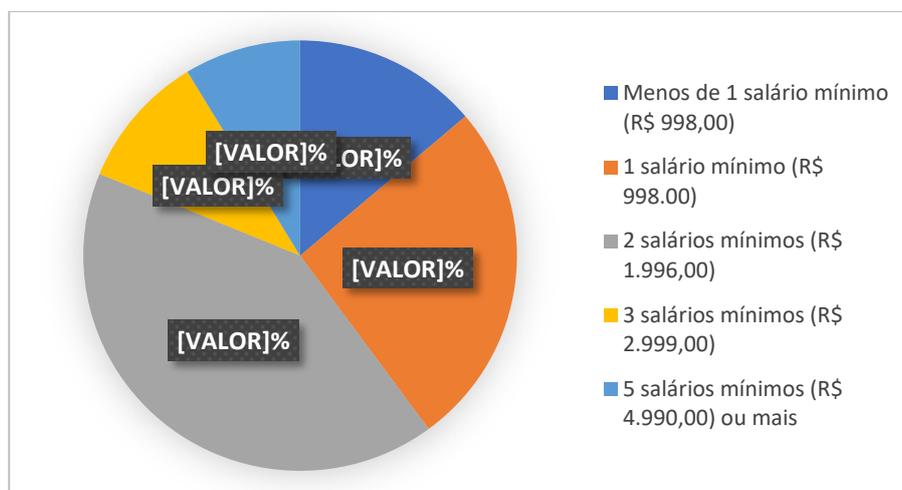
Nesse sentido, são analisadas: 1. Mecanismos/ações/ condições existentes na UACSA que favorecem a permanência do estudante no curso; e 2. Dificuldades que interferem significativamente no contexto acadêmico do estudante. Nesta última estão sendo elencadas as dificuldades sobre os relacionamentos; à violência e intolerância; dificuldades materiais; dificuldades pedagógicas e dificuldades referentes à saúde física e mental.

Perfil Socioeconômico

O questionário aponta que a maioria dos respondentes, 71,7%, são do sexo masculino, enquanto 28,3% são do sexo feminino. O relatório do Fonaprace (2018) ratifica essa proporção ao afirmar que existe uma correlação entre o sexo dos(as) graduandos(as) e a área de conhecimento do curso. Os estudantes do sexo masculino são predominantes das áreas de Ciências Exatas e da Terra e Engenharias. Por outro lado, as estudantes do sexo feminino são mais expressivas nas áreas das Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Ciências Sociais.

Quando perguntados sobre a raça, a resposta baseou-se na autodeclaração. Esse instrumento de identificação já é adotado pelo IBGE para definir dados de cor/raça. Dos respondentes, 75,4% se consideram não brancos, enquanto 24,6% afirmam o oposto. Consideramos que a implementação da Lei 12.711/2012, que instituiu a reserva de vagas para negros e pardos provenientes de escolas públicas, contribuiu para o percentual de não brancos nas instituições de ensino superior.

Quanto a renda familiar, o Gráfico 1, aponta que a maioria dos pesquisados tem uma renda familiar de 2 salários mínimos, englobando 41% do total. 26% do total tem 1 salário mínimo. Apenas 8,7% dos pesquisados têm uma renda familiar de 5 ou mais salários mínimos. Esses percentuais são compreensíveis, visto que a amostra da pesquisa é composta por estudantes cotistas. Ao verificarmos os critérios estabelecidos pela Lei 12.711/2012 no que se refere às questões de renda, 50% das vagas têm como critério de preenchimento que a renda familiar bruta *per capita* seja menor ou igual a 1,5 salário mínimo e os outros 50%, independe de renda.

Gráfico 1 – Renda mensal familiar

Fonte: pesquisa de campo, 2020.

De acordo com a Tabela 1, a maioria dos pais, 36%, possui o ensino médio completo. A segunda categoria mais representativa é a do ensino fundamental incompleto que contempla aproximadamente 20% dos pais. Ainda há, mesmo sendo a educação um direito subjetivo, 2,3% de pais sem acesso ao processo de escolarização e, pior, não alfabetizados. Entre as mães dos estudantes, a maioria, 40%, tem o ensino médio completo, assim como os pais. 7% têm ensino superior incompleto, e 15,7% superior completo.

Tabela 1 – Escolaridade dos pais

	Pai		Mãe	
	Frequência	%	Frequência	%
Sem instrução, não alfabetizado	6	4,6	3	2,1
Sem instrução, sabe ler e escrever	3	2,3	4	2,9
Ensino fundamental incompleto	26	19,8	24	17,1
Ensino fundamental completo	13	9,9	8	5,7
Ensino médio incompleto	6	4,6	9	6,4
Ensino médio completo	47	35,9	56	40
Ensino superior incompleto	12	9,2	1	7
Ensino superior completo	15	11,5	22	15,7
Especialização, mestrado ou doutorado	3	2,3	13	9,3
Total	131	100	140	100

Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA-UFRPE

De modo geral, é possível perceber que a escolaridade da mãe é maior que a do pai. Ao analisarmos a Tabela 1 e o Gráfico 1, podemos verificar que o fator escolaridade reflete na renda mensal familiar. No que concerne à escolaridade, a maioria possui ensino médio completo, seguido dos que possuem ensino fundamental incompleto. Maior escolaridade e maior rendimento mensal ocupam um baixo percentual nos dados analisados.

Perfil e Trajetória acadêmica

Os mecanismos, ações ou condições existentes na UACSA que favorecem a permanência são vários e têm sua importância material e simbólica na vida dos alunos.

Tabela 2 -Mecanismos/ações/ condições existentes na UACSA que favorecem a permanência do estudante no curso

	Frequência	%
Assistência estudantil	76	54,3
Monitoria	41	29,3
Estágio	12	8,7
Atendimento pedagógico	19	13,6
Atendimento médico/psicológico	27	19,3
Se sente acolhido pela instituição	64	45,7
Boa relação professor/aluno	75	53,6
É estimulado pela instituição a continuar estudando	61	43,3

Fonte: pesquisa de campo, 2020.

A Tabela 2 demonstra que 13,6% dos estudantes afirmaram que o atendimento pedagógico favorece sua permanência, enquanto 19,3% consideram o atendimento médico e psicológico como fatores de favorecimento da permanência. Cabe ressaltar que a assistência estudantil, a monitoria e o estágio, em geral, estão associados a algum incentivo financeiro, sua importância é mensurada, principalmente, na medida em que oferecem condições materiais de permanência. Em alguns casos, o incentivo por meio das bolsas é a principal, ou a única forma de garantir a permanência material dos estudantes. Ainda é importante acrescentar que, ao mesmo tempo em que garantem a permanência material, promovem também a permanência simbólica, visto que fortalecem os elementos apoiadores da afiliação.

Ao serem perguntados sobre questões mais subjetivas, ligadas à permanência simbólica, 45,7% dos estudantes afirmaram sentirem-se acolhidos pela instituição, e 53,6% atribuíram à boa relação professor/aluno como um dos fatores favoráveis à permanência. Sentir-se acolhido e ter boas relações com os professores reflete muito sobre o nível de afiliação do estudante.

Ainda sobre a permanência simbólica, 43,3% dos estudantes afirmaram que são estimulados pela instituição a continuar estudando o que diante das inúmeras dificuldades que possam ser enfrentadas na trajetória universitária, é importante e positivo sentir-se estimulado e acolhido pela instituição, refletindo o que pode ser compreendido como afiliação institucional defendida por Coulon (2008).

Abaixo, na Tabela 3, objetivamos perceber quais as dificuldades que interferem significativamente no contexto acadêmico dos estudantes cotistas.

Tabela 3 - Dificuldades que interferem significativamente no contexto acadêmico do estudante

	Frequência	%
Teve ou tem alguma dificuldade no seu contexto acadêmico?	132	94,3
Relacionamento familiar	37	25,9
Relacionamento social / interpessoal	24	17,3
Relações amorosas / conjugais	17	12,2
Situação de violência psicológica / assédio moral	4	2,9
Conflitos de valores / conflitos religiosos	4	2,9
Assédio, bullying, perseguição, discriminações e preconceitos	7	5
Dificuldade de acesso a materiais e meios de estudos (livro, computador, outros)	20	14,4
Dificuldades financeiras	69	49,6
Dificuldades de aprendizado	38	27,3
Falta de disciplina/ hábito de estudo	48	34,5
Dificuldade de conciliar trabalho e estudo	17	12,2
Carga excessiva de trabalhos estudantis	34	24,5
Relação professor / estudante	21	15,1
Tempo de deslocamento para chegar à universidade	54	38,8
Problemas de saúde	15	10,8
Problemas emocionais	50	36
Maternidade / paternidade	3	2,2
Incompatibilidade com o curso	5	3,6
Insatisfação com o campo profissional	7	5

Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Na análise, observamos que a quase totalidade de estudantes (94,3%) tem ou teve alguma dificuldade de natureza material e/ou simbólica na universidade. Para uma melhor compreensão, a categoria dificuldades foi dividida em subcategorias, que agrupam e representam melhor os dados analisados.

Dificuldades relacionadas aos relacionamentos

O relacionamento familiar foi apontado por 25,9% dos estudantes como um dos fatores que interfere significativamente no seu contexto acadêmico, enquanto 17,3% atribuíram aos relacionamentos sociais/interpessoal. Por outro lado, 12,2% dos alunos culpam as relações amorosas ou conjugais.

Segundo Alain Coulon (2008), a entrada na universidade é seguida por vários processos de rupturas que interferem significativamente nas relações dos discentes com seus familiares, cônjuges, amigos. Isso se deve ao fato de a universidade impor um ritmo de vida diferente, com novos códigos, regras, *habitus* e de que a vida anteriormente vivida passa por intensas transformações para se adequar às novas exigências. Neste contexto, ao tempo em que está ocorrendo um processo de maturação e transformações na vida dos estudantes, as pessoas próximas dos mesmos não conseguem acompanhar todas as mudanças. Assim, as relações passam a apresentar certo descompasso que acaba por interferir no contexto acadêmico dos discentes.

Dificuldades relacionadas à violência e intolerância

Do total de respondentes, 2,9% citaram situação de violência psicológica / assédio moral como um dos fatores que interferem significativamente no seu contexto acadêmico. 5% dos estudantes assinalaram o assédio, *bullyng*, perseguição, discriminações e preconceitos. Outros 2,9% concedem aos conflitos de valores /conflitos religiosos alguma culpa pelas dificuldades enfrentadas na universidade. Verifica-se que os estudantes cotistas passam por contextos de violência e intolerância na universidade. Para esse aspecto remetemo-nos a Santos (2009) na discussão do cotista como um *outsider*, sendo enxergado como uma ameaça ao status social e por isso inferiorizado.

Dificuldades materiais

Aproximadamente, metade dos pesquisados, 49,6%, citam dificuldades financeiras. 14,4% afirmam ter dificuldades de acesso a materiais e a meios de estudo, enquanto 38,8% dos estudantes atribuem ao tempo de deslocamento a dificuldade que interfere no contexto acadêmico. A questão do deslocamento foi inserida na subcategoria dificuldades materiais, por acreditar que muitos estudantes não se mudam para perto da universidade por não ter como custear as despesas.

Dos estudantes que participaram da pesquisa, 12,2% assinalaram que apresentam dificuldades para conciliar trabalho e estudo e apenas 2,2% sentem dificuldades por questões ligadas à maternidade/paternidade. Esses dois últimos foram interpretados sob o viés das dificuldades materiais porque para os estudantes que possuem uma situação financeira confortável o trabalho é uma opção, enquanto, para outros, é uma necessidade.

Como analisado no Gráfico 1 (Renda mensal familiar), temos um percentual de pouco mais de 80% dos estudantes com renda familiar mensal igual ou menor a dois salários mínimos. Essa realidade explica as dificuldades materiais pelas quais passam os estudantes em seus contextos acadêmicos. As dificuldades desse público, em geral, vêm desde a educação básica quando recebiam material didático, merenda e muitos faziam uso do transporte escolar para poderem dar continuidade a seus estudos.

Para as classes populares, a notícia da aprovação na universidade, traz outros tipos de preocupações: como garantir a permanência? Como conseguir custear passagem, alimentação, materiais didáticos? Em alguns casos, em que a universidade se situa em outro município, há preocupação no pagamento do aluguel de uma moradia. Associada a essas, ainda há a aflição de como garantir um bom rendimento acadêmico e/ou trabalhar para sustentar a família ou, apenas, a si mesmo. Essas dificuldades, que dizem respeito à permanência dos estudantes das camadas populares, estão presentes no cotidiano antes e depois do seu acesso à universidade. Nesse sentido, Santos (2009) afirma que a dificuldade material dos estudantes cotistas, em inúmeras situações, exerce uma influência determinante no simbólico, uma vez que não possuir determinados elementos, não ter a cultura da classe abastada ou, ainda, não ter condições financeiras determinam a forma de permanência simbólica que vai ser vivenciada.

Dificuldades pedagógicas

A Tabela 3 demonstra que 27,3% dos estudantes citam dificuldades de aprendizado como um dos fatores que interferem significativamente no seu contexto acadêmico. Por outro lado, 34,5% assinalaram a falta de disciplina/hábito de estudo. Podemos considerar que elas podem estar associadas ao que Coulon (2008) chama de afiliação. Nessa perspectiva, os estudantes estão enfrentando dificuldades por ainda não terem alcançado, ou internalizado os códigos, regras e *habitus* da universidade, por ainda estarem passando pelo tempo do estranhamento ou da aprendizagem. Considera-se as reflexões sobre as

transformações que ocorrem com o tempo, o espaço e o saber. Essas podem interferir na dificuldade de aprendizagem e na falta de disciplina ou hábito de estudo, pois, na universidade, o tempo da aula foi modificado em relação ao que acontecia no ensino médio. Nesse novo espaço, há modificações quanto à estrutura curricular, à organização do tempo e aos espaços pedagógicos. As aulas duram mais tempo; a demanda de trabalho e a complexidade em torno da produção do conhecimento sofrem modificações. Há a relação com o espaço que também foi alterado: a universidade é bem maior que a estrutura das escolas.

Ainda de acordo com a Tabela 3, do total de estudantes pesquisados, 15,1% citaram a relação professor/estudante como um dos fatores que interferem significativamente no seu contexto acadêmico. Isso provavelmente ocorre devido às rupturas vividas com o ingresso na educação superior e o abandono das vivências do mundo escolar na educação básica, na qual há uma continuidade e presença dos docentes na vida dos estudantes, havendo rupturas no âmbito pedagógico em relação às experiências vivenciadas.

Continuando sobre as dificuldades pedagógicas, 24,5% dos estudantes acreditam que a carga excessiva de trabalhos representa uma dificuldade que interfere na permanência. De acordo com o Fonaprace (2018, p.170), “a própria dinâmica acadêmica pode gerar dificuldades para a realização dos estudos. Um dos casos possíveis diz respeito à carga excessiva de trabalhos estudantis, entre eles as aulas, os trabalhos, as provas, atividades de pesquisa e de extensão”. Apenas 3,6% do total de estudantes cita a incompatibilidade com o curso. Segundo o Fonaprace (2018), a incompatibilidade está presente nos estudantes que já pensaram em abandonar o curso. Enquanto outra minoria, somente 5% do total de estudantes, mencionou a insatisfação com o campo profissional como um dos fatores que interfere no contexto acadêmico.

Dificuldades referentes à saúde física e mental

Do total de estudantes, 10,8% citam problemas de saúde como um dos fatores que interferem no contexto acadêmico, enquanto 36% atribuíram as dificuldades aos problemas emocionais. Nesse contexto, lembramos as múltiplas rupturas que podem contribuir para o aparecimento de quadros de ansiedade e prejudicar as condições de permanência dos estudantes trabalhados por Coulon (2008). O início da vida universitária, em muitos casos, significa também o início da vida adulta, muitos estudantes mudam de cidade, passam a ter

uma vida longe do seio familiar e adquirem maiores responsabilidades. Nesse período podem ocorrer problemas psicológicos e emocionais denominados por Coulon (2008) de tempo do estranhamento e da aprendizagem, são os dois momentos em que os estudantes estão lutando para adentrar no mundo universitário, serem aceitos e permitirem esse novo universo em suas vidas. Sem contar que, em muitos casos, entrar no ensino superior pode não ter sido uma escolha autônoma, mas em virtude das exigências do mercado de trabalho. Toda essa carga de cobranças e mudanças acaba gerando disfunções emocionais e interferir na permanência dos estudantes nas universidades (COULON, 2008).

Quando questionados se já haviam sofrido algum tipo de preconceito, 44,3% afirmaram que sim, conforme Tabela 4.

Tabela 4 - já sofreu algum tipo de preconceito?

	Frequência	%
Já sofreu algum tipo de preconceito?	62	44,3
Discriminação econômica	17	27,4
Discriminação étnica, racial ou de cor.	12	19,4
Discriminação de gênero (por ser homem ou mulher)	15	24,2
Por ser ou ter se identificado como homossexual/ gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual	13	21
Por causa da religião ou pela ausência da religião	15	24,2
Por causa do local de seu nascimento	9	14,5
Por causa de sua idade	5	8,1
Por causa de sua aparência física (gordo (a), magro (a), alto (a), baixo(a) etc.)	17	27,4
Por causa do lugar de sua moradia	11	17,7
Já se sentiu discriminado, por ser cotista, dentro da universidade?	12	8,9

Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Baseada na perspectiva de Nobert Elias (2000), Santos (2009) explica que os estudantes cotistas sofrem discriminação ao serem reconhecidos/tratados como os outros, os *outsiders* ou, como diz Coulon (2008), os estrangeiros. Nesse contexto, são inúmeras as dificuldades para permanecer e para superar a situação de discriminação. Como forma de lidar com as circunstâncias de discriminação, Santos (2009) afirma que os cotistas adotam a estratégia de aceitação da situação, com sua suposta inferioridade, adotam

Uma análise do perfil aluno cotista e sua permanência em cursos de engenharia na UACSA-UFRPE

comportamentos pacíficos; ou irão para o enfretamento e questionarão as estruturas impostas na busca de conquistar seu espaço, sua afiliação.

A partir dos dados coletados e analisados, percebeu-se a importância do estudo acerca do perfil do estudante cotista na universidade. Conhecer esse público é fundamental para elaborar e auxiliar a tomada de decisão frente às políticas de ações afirmativas que visam minorar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para permanecer na universidade.

Considerações Finais

O tema permanência é complexo e envolve elementos sociais, políticos, familiares, pessoais, econômicos; mas, através dos dados obtidos, é possível perceber e refletir sobre quem são os estudantes, suas necessidades e seus impasses para a continuidade dos seus processos de formação.

A permanência pode ser percebida por diferentes primas e revelar múltiplas realidades que, apesar de significativamente diferentes, apresentam determinado padrão que se materializa, na especificidade do estudante cotista da UACSA/UFRPE, pelas condições sociais, institucionais, acadêmicas, familiares, pessoais e emocionais.

No que tange à permanência material, foi possível perceber a importância dos programas institucionais como assistência e monitoria que foram apontados como mecanismos/ações institucionais que favorecem a permanência. Acerca da permanência simbólica, é notado que relacionamentos, dificuldades acadêmicas e emocionais perturbam o equilíbrio do estudante cotista.

Santos (2009) e Coulon (2008) explicam a possível origem desses problemas e nos levam a refletir sobre a necessidade de enxergar a permanência sob diversos aspectos de modo a superar o olhar que se percebe de forma limitada à atuação das políticas institucionais de permanência que, muitas vezes, resumem-se ao repasse de auxílios financeiros.

Devemos compreender que a Lei de Cotas representa uma possibilidade de reparação social e deve ser entendida como uma política de justiça social. Assim, a inclusão de estudantes cotistas tornou-se uma realidade na educação superior e em cursos ditos de excelência, no caso as engenharias como foi na UFRPE/UACSA.

Esse fato tem inserido na sociedade engenheiros que, em um passado próximo, era privilégio dos brancos das classes médias altas. Embora ainda se perceba a luta contra o preconceito racial e econômico, remeteu a histórias de vidas e oportunizou observar outras trajetórias de lutas e resistências para estar/permanecer em uma universidade pública. São “histórias cruzadas” por meio das quais se ratifica a importância de políticas públicas para acesso e permanência de estudantes cotistas em uma função reparadora, equalizadora e formativa atribuída também à educação superior.

Referências

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 49, p. 35-46, Jan./Abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?s_cript=sci_arttext&pid=S0103-4979-2007000100004. Acesso em: 25 set. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Lei nº 13.409**, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos e nível médio e superior das instituições federais de ensino.
- BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 25 abr. 2019.
- COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesqui.** vol.43, n.4, pp.1239-1250. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201701710167954>. Acesso em: 05 set. 2019.
- COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FONAPRACE. V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras - 2018. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis** (FONAPRACE). Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioeconomico-dos-Estudantes-de-Graduacao-das-Universidades-Federais-2018.pdf>. Acesso em: 01 out.2019.

KIEHL, Luiz Fernando. O tamanho da amostra na pesquisa de mercado. **Rev. adm. empres.** vol.10 n.4 São Paulo. Oct./Dec. 1970. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901970000400010. Acesso em: 21 abr. 2020.

MAYORGA, Cláudia; SOUZA, Luciana Maria de. Ação afirmativa na universidade: a permanência em foco. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 263-281, ago. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01out. 2019.

PAIVA, Angela Randolpho. Ação Afirmativa. In: DI GIOVANNI, Geraldo; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Dicionário de políticas públicas**. 2. Ed. São Paulo: Fundap, 2015. p. 36-40.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. **Rev. Estud. Fem.** v. 16. n.3. Florianópolis. Set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300010. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11778/1/Tese%20Dyane%20Santos.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2019.

PINHEIRO GEW, SANTOS AMP, KANTORSKI LP. Análise da produção de estudos com métodos mistos na avaliação de serviços de saúde mental. **Rev. Enferm. UFSM**. 2019.vol.9 (Esp) e3: 1-20. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/38379/html>. Acesso em: 12 jun. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **UFRPE divulga termo de adesão ao SISU 2020**. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/ufrpe-divulga-termo-de-ades%C3%A3o-ao-sisu-2020>. Acesso em: 30 dez. 2019.

Notas

ⁱ Alain Coulon (2008) se utiliza das concepções teóricas de Bourdieu para desenvolver sua teoria sobre a afiliação. Segundo Setton (2002, p.63), “*Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais[...]*”.

ⁱⁱ A Pró-Reitoria de Ensino e Graduação autorizou o acesso e divulgação dos dados.

Sobre os autores

Francylaura Correia Gomes dos Passos

Mestrado em Gestão Pública (UFPE). Licenciatura Plena em História UFRPE). Licenciatura em Pedagogia (UnBF). Técnica em Assuntos Educacionais, lotada na Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania (UFRPE). Email: francylaura@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7583-0645>

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Doutorado em Ciências da Educação (Udelmar-Chile). Mestrado em Educação (UFPB). Licenciatura em Letras (UFPE). Professora adjunta da UFPE/CAA, Núcleo de Formação Docente - curso de Licenciatura em Pedagogia. Professora Colaboradora do Mestrado

Profissional de Gestão Pública (CCSA/UFPE). Email: Fernanda.alencar@ufpe.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1140-3246>

Eduardo Jorge Lopes da Silva

Doutor em Educação (UFPE). Mestrado em Educação e licenciatura plena em Pedagogia (UFPB). Professor Associado da UFPB, lotado no Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação (DFE CE). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE UFPB) Email: eduardojorgels@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5402-8880>

Recebido em: 11/05/2021

Aceito para publicação em: 09/06/2021